



ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DOS CASOS DE ESQUISTOSSOMOSE NO NORTE DO BRASIL NO PERÍODO DE 2018 A 2023

AMANDA DE QUEIROZ ANDRADE; ANDRÉ LUÍS DOS SANTOS MAGALHÃES FILHO;
JOSÉ NAZARENO CUNHA NEGRÃO; NATHÁLIA OLIVEIRA DE SOUZA

Introdução: A esquistossomose é uma doença parasitária transmitida pelo verme platelminto da classe trematoda denominado *Schistosoma mansoni*. Trata-se de uma doença tropical negligenciada, a qual possui importância epidemiológica no Brasil, haja vista que afeta populações residentes em ambientes sem saneamento básico adequado. **Objetivos:** Descrever o perfil epidemiológico dos pacientes diagnosticados com esquistossomose no Norte do Brasil de 2018 a 2023. **Metodologia:** Estudo descritivo, de caráter quantitativo e retrospectivo. Os dados foram obtidos por meio do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Utilizou-se análise estatística descritiva com proporção simples e média aritmética, com posterior tabulação no Microsoft Excel. **Resultados:** No período analisado, 17.794 casos de esquistossomose foram confirmados no Brasil. O maior quantitativo ocorreu no Sudeste, com 12.350 casos notificados. Enquanto o Norte apresentou o menor número, com 283 casos. Na região Norte, Rondônia contou com o maior quantitativo de casos (61,8%), seguido pelo Estado do Pará (29,9%). O ano de 2018 apresentou o maior número de casos (83), com redução de 67,8% dos casos em 2020. De 2020 para 2022 houve um crescimento de 118,5% dos casos, com maior incidência em Rondônia e no Pará. Houve redução de 35,5% de 2022 para 2023. A faixa etária mais afetada foi de 40-59 anos, com 44,5% dos casos. Dentro dos casos confirmados, 51,2% ocorreram no sexo masculino. Em relação à raça, os pardos foram mais acometidos, com 60,4%. Quanto à evolução, 53% dos pacientes foram curados. Houve 1 óbito notificado. **Conclusão:** Os dados indicam que, apesar do baixo número de casos registrados na região Norte, a maior incidência em Rondônia e no Pará evidencia áreas prioritárias para intervenções. Ademais, as oscilações durante os anos podem estar associadas à mudanças na vigilância epidemiológica, impactos da pandemia de COVID-19 ou variabilidade na exposição ao vetor. A predominância de casos em indivíduos de 40 a 59 anos, no sexo masculino e na população parda, pode ser fruto de possíveis fatores de exposição. Portanto, políticas públicas integradas são essenciais para reduzir a transmissão e os impactos dessa doença negligenciada, especialmente em áreas vulneráveis.

Palavras-chave: **ESQUISTOSSOMOSE; EPIDEMIOLOGIA; NORTE**